



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avançar!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S.P.I.C.)

POR UM 1.º de MAIO de LUTA PELA PAZ e CONTRA a GUERRA!

Em Portugal, o 1.º de Maio vai passar-se num ambiente de aumento da repressão fascista e de preparação para a guerra. Juntamente, encontraremos um agravamento inaudito das condições de vida do proletariado, sobretudo do rural classe que, com a dos pequenos produtores agrícolas atravessa uma brutal crise que Salazar nem sequer tenta atenuar.

E nestas condições que o 1.º de Maio se aproxima de nós.

Por um lado, as perseguições aos anti-fascistas, intelectuais e operários, aumentam. Fazem-se prisões arbitrárias de estudantes (até de uma rapariga!) pelo «CRIME» de terem ido à Embaixada Espanhola mostrar a sua satisfação pela vitória da Frente Popular.

De outro lado, a preparação de ambiente para uma guerra contra Espanha soviética, de amanhã, cada dia cresce mais. A campanha de mentiras e contradições do «Século», «Diário de Notícias» e «Diário da Manhã», juntam-se às provocatórias palavras de Salazar, na sua última declaração pública, juntamente, sobretudo, as palavras de Vasco Borges, um vendido da democracia, que, numa conferência sobre o rearmamento do Exército, mostra como fim mais glorioso da vida dos jovens portugueses, o «morrer pela Pátria» contra um inimigo que «poderia ser o tradicional inimigo de Portugal». Isto é contra a Espanha soviética, porque com a Espanha reaccionária de Lerroux e Gil Robles, a amizade fascista ia ao ponto de fazer com ela troca de presos políticos e de esquecer «patrioticamente» a morte do barqueiro algarvio, assassinado em águas portuguesas pelos bandidos mercenários de Gil Robles.

Ante a perspectiva de uma Espanha Vermelha, os «governadores» de Portugal perdem o tino e vêem numa guerra contra-revolucionária, desencadeada pela Inglaterra com auxílio português, o meio único de escapar ao seu justo fim. Por isso, como acentuação da repressão fascista, vem o aumento da força militar e a preparação das condições para uma guerra de intervenção.

Entretanto, Salazar não está seguro dos seus «súbditos». Não vê os portugueses a sujeição servil à ditadura que era necessária aos seus fins. Conhece a tradição e a liberdade que o povo português tem atrás de si e, por isso, dá os últimos retoques à fascização integral. Agora mesmo, antes de decretar a

«Mocidade Portuguesa», organização fascista, militarizada, dirigida por um militar de patente alta.

Essa «Mocidade Portuguesa» abrange toda a juventude escolar ou não, e terá exercícios militares um dia por semana (a juventude escolar consagrar-lhe-á um dia inteiro de aulas por semana). Assim, com a mocidade educada no culto do «dever militar», procurará Sa-

lazar adquirir uma força que lhe sirva para desencadear a guerra com mais segurança e a aumentar a repressão da actividade revolucionária.

Está, porém, enganado, redondamente enganado. Em Portugal, o proletariado não abdica da sua função de dirigente da luta anti-fascista. Não deixou de ter, apesar da repressão cruel, dos assassi-

nios, das piores dificuldades, confiança no seu Partido de classe, o Comunista que, sem desânimos, continua a luta mesmo nos momentos mais difíceis.

Nem o proletariado português nem o Partido foram derrotados pela ditadura. Pelo contrário, a sanha com que esta procura ferir o Partido e iludir o proletariado mostram, numa forma evidente, o que pensa o Governo a tal respeito.

Por isso, organizações como a da «Mocidade Portuguesa» não terão o resultado esperado. O Partido e a Federação das Juventudes Comunistas saberão, seguindo as determinações dos seus Congressos, desbaratar, utilizar como uma arma anti-fascista essas ridiculas e servis cópias dos Vanguardistas italianos e das juventudes nazis.

Mas não é só a preparação para a guerra que define o ambiente político português.

Conjuntamente, caracteriza o agravamento da crise interna. Apesar de todas as vigilâncias da Censura, o fascismo não pode evitar que organismos que tutela, deixem de vir a público (evidentemente sob a pressão das massas) com declarações como estas da exposição do Sindicato Nacional dos Pescadores da Nazaré ao Presidente da República, publicada no «Século» de 15 de Abril: «AS VIDAS DE CERCA DE 3 MIL PESCADORES em activo serviço continuam a girar entre dois polos: A MORTE E A FOME. E quanto à vida económica local, que tem na pesca o seu principal factor, DEFINIHA-SE DIA A DIA». E tudo isto porque o governo compra canhões, tanques e aviões enquanto a Nazaré não tem um porto de pesca, e, mesmo que o tivesse, a situação seria quasi idêntica porque o mercado português está reduzidíssimo pela vida de fome que leva a população portuguesa.

Eis o quadro em que vai passar-se a o dia 1.º de Maio, dia de luta de todos os trabalhadores dos países capitalistas. Dia em que, todas as suas forças reunidas, os proletários do mundo inteiro homenageiam os que primeiro caíram na luta pelo bem dos operários, mas não ficam numa súbita contemplação do passado. Dia de luta pela melhoria das condições de vida de todos os que trabalham, e de mobilização geral para a «luta final» que se avizinha.

Em Portugal será a luta PELA PAZ, PELA AMNISTIA, que illor- os catenares de presos a todas-

A UNIÃO SOVIÉTICA E A LUTA PELA PAZ

Neste Primeiro de Maio, em que as palavras de ordem centrais do nosso Partido são de luta pela Paz, Frente Única na luta contra o fascismo, depois de termos visto como em Espanha se leva a luta pela unidade, não deixará de ser útil verificar o que pela Paz tem feito a União Soviética a quem o proletariado internacional deve os mais proveitosos ensinamentos para a sua libertação e a relativa Paz em que a Europa e consequentemente as grandes nações do mundo têm vivido.

Se tem havido um obstáculo a que o choque das ambições imperialistas leve o mundo à guerra — esse obstáculo tem sido a União Soviética e as massas proletárias do mundo inteiro.

Sem a sua acção, sem o regime socialista, único que pode fazer que um Estado como a U.R.S.S. não queira «uma polegada do território alheio», a guerra que os capitalistas e os negociantes de canhões andam há tanto tempo a forjar, já teria estalado.

Não fora o poder do seu heróico Exército, Vermelho e, novamente, uma chacinha como a de 1914-18, já esmagadora a Europa e Asia. Não fosse a sua acção desoladora pela Paz e a guerra anti-soviética que o Japão queria desencadear, já seria uma realidade.

Mas a URSS não é um estado vulgar, um estado burguês para quem a vida dos seus jovens, dos seus trabalhadores seja indiferente. O Estado Soviético visa à Vida não à Morte, tem como fim a Construção não a destruição. Por isso, no intuito de quebrar todos os pretextos guerreiros, a U.S.S.R. forte como um exército que não consentirá que seja tirada à Pátria Socialista «uma polegada de território» — foi até transigir em vender o caminho de ferro oriental chinês. Desaparecido esse pretexto, os imperialistas japoneses depressa buscaram outro. E, agora, é a Mongólia Exterior, onde já existe, embora independente da U.S.S.R., o regime soviético, que dá o motivo que os militaristas japoneses querem transformar numa guerra.

Não tem sido só no que imediatamente lhe toca, como o caso do Japão que a União Soviética tem lutado pela Paz.

Desde a proposta do camarada Litvinov a uma célebre conferência de desarmamento para se fazer o desarmamento integral, proposta que foi rejeitada por uma ridícula conferência que era pretexto para um maior armamento; desde a nova proposta de Litvinov para o desarmamento parcial e que obteve o mesmo destino da anterior, até ao Pacto Oriental, a acção da U.S.S.R. em favor da Paz tem sido formidável. Simplesmente a sua acção tem chocado sempre com os imperialistas e com o fascismo cuja saída natural é a guerra.

Por isso, o Pacto Oriental destinado a evitar a guerra, pelo auxílio ao agrado de todas as nações que o assinassem, teve de ficar reduzido a um pacto com a França, em virtude da negativa absoluta da Polónia e da Alemanha sobre a oferta.

Contudo, não ficou por aqui o esforço pacifista da U.S.S.R. Ainda que profundamente descontentes da eficácia da S.D.N., o governo soviético e o comitê central viram que «na medida em que a S.D.N. pode impedir a guerra» se devia procurar «também nesse campo, mais um auxílio, ainda que leve, da luta pela Paz».



1º DE MAIO NA U.R.S.S.



1.º de Maio em ESPANHA

O Primeiro de Maio espanhol vai ser irreal de caracaterístico, que, até agora, nunca a história do proletariado de Espanha conheceu que se verificasse.

No período ascendente da Revolução em que as massas operárias e camponesas indicam pelo seu ardor combatente o anseio de não mais sofrerem a fome e opressão capitalistas — o 1.º de Maio não pode apresentar o mesmo aspecto dos anos anteriores.

A um período em que o proletariado espanhol se encontrava dividido por várias centrais sindicais que, quando se não guerreavam, se não comorçavam; a uma época em que a direcção do Partido Socialista espanhol rejeitava sistematicamente todas as propostas de frente única, feitas pelo Partido Comunista; ao «politicismo» e isolamento suicida dos dirigentes da Confederação Nacional do Trabalho — segue-se a época heroica, o momento histórico que todos os trabalhadores espanhóis estão vivendo, segue-se a época da unificação do proletariado.

Não foram as pregações dos Messias que nunca convenceram as massas espanholas de que só a unidade as salvaria do inferno fascista. Não foi o exame auto-crítico de certos dirigentes do proletariado espanhol (o grande e inevitável que essa influência se manifeste) que levou esse proletariado a adoptar a palavra de ordem porque o Partido Comunista lutou desde sempre.

As massas socialistas que a criação da evolução pacífica da democracia embalsam, as massas anarquistas a quem o ódio justíssimo ao Estado capitalista fizera perder as perspectivas da necessidade de existência do Estado proletário — não modificaram a sua consciência pela influência mais ou menos directa da propaganda da unidade.

Foi preciso que dolorosamente sentissem a experiência da Comuna Asturiana para que o proletariado espanhol empunhasse com tenacidade a bandeira da Unidade.

Os que haviam combatido e morrido heroicamente nas Astúrias, esquecidos das divisões partidárias dos sindicatos, irmanados no desejo de não deixarem aniquilar pelo fascismo o país miserável, deram a todos os trabalhadores espanhóis o exemplo que havia a seguir.

Por isso, o seu grito de reconhecimento, a senha imortal da Comuna gloriosa das Astúrias se tornou a expressão viva da marcha ascensional da unidade proletária.

Será com esse grito triunfante (U.H.P.! — UNÍ-VOS, IRMÃOS PROLETÁRIOS!) que as Juventudes Marxistas desfilarão no 1.º de Maio, gloriosas do seu heroísmo, orgulhosas da força dos seus 120.000 filiados, orgulhosas, sobretudo, do exemplo que aos adultos deram as Juventudes Comunistas e Socialistas de que são hoje a resultante.

Atrás de si, filhas cerradas da Juventude unida, marcharão os operários e camponeses que já realizam a frente única ainda que a unidade política sindical não esteja inteiramente realizada.

das esmagados pelo capitalismo tem o mesmo grito luminosíssimo: as palavras proféticas de Marx.

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

Enquanto no mundo capitalista o 1.º de Maio é um dia de luta de todos os exilados contra os seus opressores, na União Soviética, e na Espanha com vista do poder pelo proletariado, o seu significado é outro inteiramente.

Não se o já as grandes massas de proletariado, desunidas nas suas várias organizações que mostram, neste dia, o poder gigantesco da sua unidade. Não é sequer, a avalanche imensa de todos os que querem Paz, Terra e Liberdade que mostram o seu desejo de unificação e luta sob a direcção do Partido Operário.

Na União Soviética, país do Socialismo triunfante não acontece tal.

cistas que morrem lentamente pelas prisões de Peniche, G. Civil, Angra e Aljube.

A LUTA PELA UNIDADE PROLETÁRIA numa Confederação Geral do Trabalho única, que, resultante da fusão das centrais sindicais existentes e dos sindicatos ilegais isolados, constitua, pelo seu bloco e pela escolha de uma tática acertada de luta, o meio mais seguro de derruirmos a desigualdade em que o fascismo ainda se quer apoiar.

LUTAS PELA FRENTE POPULAR ANTI-FASCISTA. Convincente de que o fascismo só poderá ser derrubado pela união de todos os anti-fascistas, o proletariado português lutara, no 1.º de Maio, pela acção conjunta com as massas revolucionárias, da pequena burguesia. Conhecendo que a fase actual da Revolução em Portugal é a democrática-burguesa, o nosso Partido procurará através do 1.º de Maio, chamar todas as forças proletárias sem distinção de partido ou tendência sindical, a constituir um mais sólido núcleo que em redor dos respectivos Comités de enlace, permita a constituição duma verdadeira e activa Frente Popular anti-fascista.

Lutaremos, também, verdadeiramente, pelas REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS do proletariado português, porque sabemos como a nossa situação é insustentável e como na base dos interesses comuns e que nós podemos levar uma luta que verdadeiramente nos irmane, a todos os proletários quaisquer que sejam as nossas ideias políticas ou sindicais.

Camaradas anarquistas, socialistas e republicanos!

Por um Primeiro de Maio de luta: PELA PAZ!

Pela libertação de TODOS OS NOSSOS presos!

PELA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO ÚNICA, de TODOS os trabalhadores portugueses, na base da luta independente de classe contra classe!

PELA ORGANIZAÇÃO LOCAL E ROBUSTECIMENTO DOS COMITÊS DE FRENTE POPULAR!

PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DO PROLETARIADO PORTUGUÊS!

Pelo Fio, pela Paz, Terra e Liberdade!

Pela Praça Vermelha de Moscovo, coração do gigante soviético, pelas pragas e ruas de todas as cidades e povoados soviéticos, desfilam milhões, dezenas de milhares de trabalhadores.

Mas como é diferente o aspecto dessas manifestações dos trabalhadores!

São os operários e camponeses donos do seu Estado que passam no desfile formidável das suas forças unidas, homogêneas, inteiramente conscientes.

E, quando surgem a desfilar, nos seus rostos não vemos ler como nos dos países capitalistas, a ansiedade opressiva da luta, o aspecto doloroso da sua vida de condenados.

Não. Os trabalhadores soviéticos, ao reúnem publicamente as suas forças máximas, não vêm para a luta porque não têm capitalistas que os explorem e a quem ponham as suas reivindicações. Vêm, sim, apresentar um balanço das suas vitórias na construção do socialismo, comemorar o que vale a luta unida do proletariado.

É preciso snbilhar o carácter internacionalista do 1.º de Maio da URSS, em que as massas manifestam a sua solidariedade de classe para com os trabalhadores de todos os países.

É pois uma Festa do Trabalho que se vive no 1.º de Maio soviético. Aí, sim, é que se pode falar de Festa do Trabalho.

Só em regime socialista, em que o trabalho é uma honra, e uma necessidade, como disse o camarada Stáline, só aí se pode falar em Festa do Trabalho. Nos países Capitalistas, em que o trabalho e o desemprego alternam sistematicamente e fazem, sempre, da vida do trabalhador um inferno, não se pode falar em Festa do Trabalho. Por isso o 1.º de Maio nos países capitalistas é uma data de luta contra todos os manobras criminosas do capitalismo decadente.

Mas o 1.º de Maio soviético não é só a Festa do Trabalho, não é só os resultados da construção socialista que os trabalhadores ostentam orgulhosamente.

Há mais diferenças entre eles e os seus irmãos que sofrem o inferno fascista e capitalista.

É que eles, quando desfilam nas ruas da sua capital vermelha ou pelas das todos os povoados soviéticos, são os senhores da rua como do Estado. Eles o conquistaram. Esse direito, com o sangue vertido em muitos primeiros de Maio, em muitos desfiles que os sabres e chicotes dos carrascos desafiavam impiedosamente. Foi a sua conquista, o resultado da Revolução triunfante, a recompensa da sua abnegação heroica nos anos da guerra civil e intervenção imperialista. Por isso hoje, quando pela Praça Vermelha de Moscovo, passa o maior desfile de trabalhadores de todo o mundo e de todos os tempos, quando ante o túmulo do que foi genial forjador da sua vitória, Lénine, as bandeiras se abatem e os punhos das delegações estrangeiras se erguem, o espírito de todos passam os esforços que foi

preciso empregar para estabelecer vitoriosamente o socialismo, na União Soviética.

São os anos da guerra imperialista de 1914-1918, da sangueira em que morrem e se inutilizam milhões de indivíduos, e toda a intervenção de exércitos estrangeiros que arruinam, de acordo, com os contra-revolucionários burgueses russos, toda a economia russa.

Mas, também, passa pelo seu esforço o que pode o proletariado unido com o camponato, sob a direcção do Partido bolchevique de Lénine.

Por isso, o trabalhador soviético não se admira, não acha fantástica a sua vitória. Sabe que ninguém lhe deu nem a pólia dar e por isso a conquistou. E ao vir passaram as suas milícias armadas. Ele vê bem que não é a defesa da manifestação que é preciso, como noutros tempos, assegurar. É a expressão viva da conquista do poder pelos trabalhadores que desfilam, mas é, sobretudo a afirmação clara de que os trabalhadores soviéticos sabem defender o que antes tinham tido, a sua Pátria Socialista, a Pátria dos trabalhadores do mundo inteiro.

É esse desejo de trabalho tranquilo, de paz assegurada que faz que o Exército Vermelho desfile nesta Festa do Trabalho.

Exército de trabalhadores, exército único em que se faz a educação anti-militarista dos seus membros, não é instrumento de ambições imperialistas, mas a guarda atenta das conquistas do proletariado triunfante.

«Não queremos uma polegada de território alheio, mas nós cedemos uma polegada do nosso», disse Stáline, e as suas palavras repetidas em milhões de lugares, por toda a União Soviética, dão a esse Exército de Paz o seu lema glorioso.

Porém, o 1.º de Maio soviético tem outro altíssimo significado: a solidariedade internacional, o internacionalismo verdadeiro do proletariado.

Nessa data, os trabalhadores russos afirmam, mais uma vez, o seu desejo que se libertem todos os seus irmãos que sofrem o jugo capitalista, e a sua consciência da unidade do proletariado mundial.

Por isso, os seus sindicatos convidam e mantêm, durante a sua estada na União Soviética, delegações de trabalhadores de todo o mundo que vão colher na formidável realidade russa os incentivos para a luta, a certeza de vencer que aniquila todos os desânimos. E ao partem, na despedida, os seus irmãos dos países capitalistas, ao exporem ante essa «Comissão Internacional de Controle» os resultados da sua luta, os nossos camaradas russos não orgulhosos da sua obra, sabem que o seu orgulho não será porque estimula, não onde se trata de que os irmanos na luta para a Comuna mundial.

Compreendem bem que o seu 1.º de Maio como o de todos os camara-